



Hospital Giselda Trigueiro

□□□□□□□□ **P**orta de entrada para estudantes de medicina e residência médica em infectologia, o Hospital Giselda Trigueiro é referência da especialidade no RN.

O Hospital Giselda Trigueiro, que inicialmente teve o nome de Evandro Chagas, nasceu na década de 1940, a partir de uma enfermaria do Hospital Colônia Dr. João Machado. O local, onde só haviam colchões, tinha pouca estrutura e era destinado ao isolamento dos portadores das doenças mais contagiosas da época – varíola, varicela e tuberculose.

□□□□□□□□ **C**om a criação da UFRN, em 1958, os alunos do curso de medicina que pagavam a disciplina de doenças infecciosas, passaram a atuar no hospital e dar plantões, já que na época não havia médicos plantonistas.

□□□□□□□□ **E**m 1961, a Dra. Maria Giselda da Silva Trigueiro, médica infectologista, iniciou sua carreira como professora da Faculdade de Medicina da UFRN, na cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas, passando desde então a ser responsável pela disciplina. Era especialista em doenças infectocontagiosas, sendo pioneira no estudo de doenças tropicais e assumiu os cuidados com os doentes desta especialidade.

□□□□□□□□ **A**nda nos anos 60 o Sanatório Getúlio Vargas foi transferido para um novo

prédio e a sede antiga passou a ser um hospital para tratamento de doenças infecto-contagiosas: o Hospital Evandro Chagas dirigido por Dra. Giselda. A unidade de saúde do governo do estado estava localizada na Avenida Coronel Estevão, esquina com a Presidente Bandeira, no Alecrim. O local, bem mais amplo, oferecia espaço para internar pacientes com outras doenças como hepatite, febre tifóide, tétano e esquistossomose.

Já na década de 70, o então estudante e hoje infectologista – que já dirigiu o hospital -, Antonio Araújo era um destes estudantes. Ele relembra que, na época, sentiu uma grande identificação com a disciplina e com os pacientes e, como sua casa ficava ao lado, passou praticamente a morar no hospital. “Fiquei como se fosse assim... morando. Nos horários que não tinha aula, ia sempre para lá. Em 72 passei a dar plantão voluntário noturno e nos finais de semana”, lembra.

Entre os primeiros médicos do Hospital Evandro Chagas, estavam o Dr. Iron Idalino, Daladier da Cunha Lima, Carlos Dutra, Carlos Fonsêca, Roberto Carlos Rosado e Vivaldo Costa.

Neste período, os estudantes davam plantões supervisionados pela Dra. Giselda, que ficava de sobreaviso em casa. Se houvesse algum problema mais grave – o que raramente ocorria – ela era acionada por telefone. Como os pacientes já chegavam ao hospital, encaminhados pelos atendimentos de urgência e com uma suspeita de diagnóstico, o trabalho dos estudantes era facilidade. As doenças mais comuns eram a difteria – em grande quantidade -, o tétano e, começavam a surgir as meningites.

Entre 1973 e 1974, diante do surto de meningite, Dra. Giselda criou uma escala de médicos plantonistas para orientar os estudantes na realização de punções e tratamentos dos casos graves da doença. Não existia UTI, e os pacientes eram internados em locais separados para doentes graves e doentes moderados. Faziam parte da escala os médicos Francisco de Lima, Manoel Messias, José Jailson e Cleide Dias, sempre chefiados pela Dra. Giselda.

O Hospital contava com cerca de 50 leitos, divididos em enfermarias de adultos e crianças e não dispunha de laboratório, raio X, nem aparelhos para exames de ultrassonografia. Apesar da precariedade das condições, Havaí um grande empenho por parte dos médicos, em darem o diagnóstico clínico nos casos de doenças como meningite, hepatite, pneumonia e tuberculose.

Novas Instalações

□□□□□□□□ **N**o início da década de 80, já funcionando no atual prédio na Rua Cônego Monte, nas



Quintas, os exames de raios X eram realizados no antigo sanatório, Hospital Getúlio Vargas, que ficava em terreno vizinho e os exames complementares eram realizados no Hospital Onofre Lopes, exigindo o deslocamento dos pacientes internados. Pouco tempo depois, Dra. Giselda conseguiu montar um pequeno laboratório no próprio hospital, onde eram feitos os exames básicos como hemograma, parasitológico de fezes e sumário de urina. Ainda nos anos 80, foram instalados uma UTI e um laboratório de análises clínicas de maior porte.

Com a modificação do Programa de Tuberculose, quando apenas os doentes graves continuavam internados, houve a fusão dos dois hospitais mantendo a denominação de Hospital Evandro Chagas e permanecendo sob a direção da Dra. Giselda Trigueiro.

□□□□□□□□ **A**ós a morte prematura de Dra. Giselda, em 11 de maio de 1986, o hospital recebeu o seu nome, numa justa homenagem e reconhecimento àquela que por mais de 25 anos foi a mentora, orientadora e líder na administração do Hospital Evandro Chagas e no ensino de doenças infecciosas no RN.

□□□□□□□□ **P**ara o Dr. Antonio Araújo – que dirigiu o Hospital Giselda Trigueiro de 1986 a 1996 – no início do hospital, a precariedade da estrutura e das condições de trabalho, serviram de escola para os alunos de medicina. Os estudantes aprendiam bem mais, por que a falta de exames complementares obrigava-os a examinar detalhadamente o paciente e fazer uma história clínica. Este histórico do paciente era apresentado à Dra. Giselda que, freqüentemente, mandava o trabalho ser refeito inúmeras vezes, já que uma história clínica e exame físico bem feitos correspondem a 50% de um diagnóstico.

Reconhecimento

□□□□□□□□ **P**arte do crescimento e reconhecimento do Hospital como referência em doenças infecciosas se deve ao curso de medicina da UFRN e à dedicação dos estudantes, orientados pelos professores e pela Dra. Giselda. Ela também criou a Residência Médica em Doenças Infecciosas, em 1978, o que gerou um grande impulso, não só ao Hospital, como a própria especialidade no RN.

Hospital Giselda Trigueiro

Escrito por Olimpio

Seg, 02 de Agosto de 2010 16:25

Este avanço foi mais acentuado com o surgimento da Aids e de algumas epidemias como a cólera e até mesmo a meningite, tornando a especialidade mais forte perante o governo e a população. O aumento da necessidade dos serviços de infectologia obrigou o poder público a realizar mais investimentos no setor.

Hoje, o hospital dispõe de 90 leitos, conta com mais de 50 médicos em seu corpo clínico e foram implantados novos métodos de diagnósticos como ultrassonografia, broncoscopia, endoscopia e alguns exames laboratoriais específicos. No caso de exames mais caros e sofisticados, como os que dão diagnósticos de Aids e hepatite, é utilizada a estrutura do Laboratório Central, instalado em um prédio vizinho.

Os leitos estão divididos em várias enfermarias destinadas a portadores de tuberculose (resquícios ainda do sanatório), Aids, pediatria e doenças infecciosas diversas, além de uma UTI para adultos, com sete leitos.



Dra. Maria Giselda da Silva Trigueiro

Aualmente, passam pelo Hospital Giselda Trigueiro estudantes de vários níveis dos cursos de enfermagem e de medicina de várias faculdades, além de farmácia, nutrição, psicologia, fisioterapia, etc.

D. Antonio Araújo destaca que se não fosse o hospital e seus componentes, o ensino e o aprendizado sobre doenças contagiosas no RN não teriam a estrutura e a força que têm hoje. "O hospital e os ensinamentos de Dra. Giselda nos deram uma grande missão: fazer crescer e dar continuidade à infectologia em nosso estado", concluiu.

Sobre Dra. Giselda, escreveu o professor Daladier Pessoa da Cunha Lima: "Grandeza humana acompanhava todas suas ações, no exercício profissional, na amorosa convivência familiar, nas amizades e na participação comunitária. Até mesmo quando ouviu a sentença de que sobreviveria somente 2 a 3 meses, em fase avançada de inexorável doença, ela disse ao médico norte-americano que a assistia: "Obrigada Doutor, pelos 6 anos de vida que o senhor me deu". Consciente da inelutável situação de saúde, escreveu o próprio epitáfio, que se harmoniza à sua visão da vida e do mundo: "Aqui jaz Giselda, muito contra a vontade".